

PRÁTICAS DE ORALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES DAS ATIVIDADES DE ESCUTA

Vanessa Titonelli Alvim- PPGE/UFJF – Bolsista CAPES
Tânia Guedes Magalhães- PPGE/UFJF

Eixo Temático: 7- Pesquisa, Leitura, Escrita e Educação
Categoria: Pôster

As pesquisas de diversos autores da área de ensino de linguagem que se dedicam à oralidade mostram que a temática é recente na escola básica e ainda pouco compreendida pelos docentes. Estudos que se debruçam sobre as relações entre oralidade e escrita estão em cena desde a década de 60. Em sua aplicação escolar, alguns teóricos (MARCUSCHI, 1996; SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; LEAL E GOIS, 2012) bem como documentos oficiais (PCN, 1997, 1998; OCEM, 2006), reafirmam a necessidade de se trabalhar com a modalidade oral em sala de aula enfocando, principalmente, os gêneros orais e a reflexão sobre a linguagem. Com base nisso, esta pesquisa busca desenvolver um trabalho de intervenção com práticas de oralidade, enfocando mais especificamente a análise linguística do texto oral, tomando como objeto de estudo as atividades de escuta. Pretendemos a) verificar de que forma as atividades de escuta são conceituadas na literatura da área, visando à formação linguística do aluno do Ensino Fundamental; b) desenvolver uma pesquisa-ação para analisar o que os alunos aprendem nessas atividades. Primeiramente, conceituamos escuta, apresentando suas concepções, finalidades e metodologia no ensino de Língua Portuguesa, embasados numa perspectiva de análise linguística (MENDONÇA, 2006). Verificamos, com base na pesquisa teórica, que a escuta tem vários objetivos, a saber: 1) compreensão do texto oral; 2) análise do texto oral, envolvendo questões linguísticas, prosódicas, gestuais e extratextuais; 3) compreensão das formas de comportamento nas interações orais; 4) obtenção de modelos de gêneros orais para futuras produções; 5) tomada de notas; 6) retextualização e análise da relação oral-escrito a partir de transcrição. Segundo os autores citados, os diversos elementos que compõem o texto oral produzem efeitos de sentido que contribuem com a compreensão do gênero. Como são poucos os estudos aplicados ao ensino básico, pretendemos, numa segunda parte da pesquisa, elaborar um guia de escuta para, então, testá-lo em sala de aula, através de uma pesquisa-ação, e analisar que conhecimentos são construídos pelos alunos a partir desse trabalho. Com esta investigação, almejamos propor novos caminhos para abordar o ensino da oralidade, muitas vezes desconhecido ou pouco privilegiado pelos docentes de ensino básico.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Oralidade. Escuta.

PRÁTICAS DE ORALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES DAS ATIVIDADES DE ESCUTA

INTRODUÇÃO

Com base em reflexões sobre o cenário atual do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, verificamos, sobretudo nas décadas de 80 e 90, a ocorrência de várias mudanças advindas das numerosas contribuições dos estudos linguísticos desenvolvidos ao longo do século XX, entre os quais destacamos o aspecto da heterogeneidade da língua e suas variedades, os estudos sobre a oralidade, a centralidade do texto no ensino e a reformulação do ensino de gramática. Nesse campo, os estudos sobre a fala ampliaram-se, e suas relações com a escrita tornaram-se objeto de reflexão e análise, repercutindo diretamente no ensino de Língua Portuguesa.

Os novos estudos sobre a língua e seu uso, oriundos do campo da linguagem, influenciaram diretamente as concepções propostas nos documentos oficiais para o ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que tiveram repercussão direta na escola, em outros documentos estaduais e municipais, bem como nos manuais didáticos.

Apesar desse novo cenário, adentramos o século XXI considerando que muitos objetivos traçados para o ensino de Língua Portuguesa no ensino básico ainda não foram cumpridos. Muitos aspectos, não apenas do campo teórico, mas também da transposição didática e da formação de professores, ainda devem ser objeto de reflexão e estudo, proporcionando discussões que possam levar a mudanças significativas e pertinentes para o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e oralidade dos alunos na vida escolar, para seu uso efetivo na vida cidadã.

Nesse sentido, buscamos desenvolver um estudo que vise a contribuir efetivamente com o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, sobretudo no Ensino Fundamental. Para isso, escolhemos como eixo central o ensino da oralidade, restringindo o foco nas atividades de escuta, pouco exploradas no ambiente pedagógico.

Para desenvolvermos este estudo, no primeiro momento realizamos uma revisão de literatura, na qual apresentamos considerações sobre o ensino de Língua Portuguesa, abarcando o ensino de oralidade, os conceitos de gêneros textuais, letramento, fala e escrita, bem como a análise linguística, conceito introduzido nos estudos de linguística aplicada como alternativa para o ensino de gramática. Em seguida, desenvolvemos uma síntese de reflexões trazidas por diversos autores para, então, apresentar nossa proposta de “guia de escuta”, para o qual tomamos como base a perspectiva de ensino do interacionismo sociodiscursivo (ISD), proposto pelos estudiosos denominados como grupo de Genebra. Após esse primeiro momento de pesquisa, pretendemos desenvolver uma pesquisa-ação numa escola estadual de Juiz de Fora, numa turma de 3º ano do Ensino Fundamental.

PRINCIPAIS CONCEITOS

Como embasamento teórico, utilizamos vários autores para compor nosso trabalho, sendo que a base fundamental de nossas reflexões foram pautadas em Marcuschi (1996, 1997, 2007, 2010) para o tratamento da relação oralidade e escrita, autor que contribuiu sobremaneira com as pesquisas brasileiras sobre Análise da Conversação, oralidade e ensino e livro didático de Língua Portuguesa. Com base nesse autor e nas considerações de Magda Soares (2001), apresentamos os conceitos de oralidade e letramento e sua importância para o desenvolvimento de competências no uso da língua pelos alunos aprendizes.

Com relação à concepção de linguagem, baseamo-nos naquelas perspectivas que estejam focadas nos usos e funções sociais, na interação humana, proposta por autores como Costa Val (1992), Travaglia (1997), Koch (2002) e Geraldi (2006), que serviram como base de estudo para vários outros pesquisadores relativos ao ensino de línguas.

Segundo Travaglia, “os usuários da língua ou interlocutores interagem como sujeitos que ocupam lugares sociais e falam” (TRAVAGLIA, 1997, p.23). Nesse mesmo viés, Geraldi (2006) defende uma concepção de linguagem como forma de interação, um lugar no qual os falantes se tornam sujeitos de fato, afirmando que:

(...) mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistem à fala. (GERALDI, p.41, 2006).

A partir então dessa concepção teórica, ao pensarmos em uma proposta de ensino condizente com os desafios verificados atualmente, partindo da compreensão da linguagem como interação, é possível romper com práticas estritamente normativas, e propor um ensino discursivo, voltado para reflexões sobre a língua e não focado em práticas características de ensino “tradicional” e metalinguístico, como descrito anteriormente.

Já com relação à concepção de língua, com base em Marcuschi (2007), trata-se de um fenômeno variável (dinâmica, suscetível à mudança), de forma heterogênea (como múltiplas formas de manifestações), histórica e social, submetida a condições de produção e que se manifesta em situações de uso reais. A língua, então, nos constitui social e culturalmente. Ela é, também, um “conjunto sistemático de práticas sociais, interativas e cognitivas” (MARCUSCHI, 2007, p.70). Portanto, são os usos que fundam a língua sendo assim é fundamental desenvolvermos desde cedo em nossos educandos a compreensão da importância de analisarmos o sujeito e a intenção comunicativa de cada situação, ou seja, usarmos

adequadamente a língua para, de acordo com Marcuschi, poder produzir um efeito de sentido pretendido numa determinada situação, levando em consideração o evento comunicativo.

Uma vez que é considerada variável, heterogênea, histórica, social e submetida a condições de produção, vários estudos focaram-se não apenas na escrita, mas também na fala e nas suas relações. Um dos principais autores que estabelecem essa discussão entre a não dissociação entre fala e escrita é Luiz Antônio Marcuschi (2010), que afirma que tanto as relações entre oralidade e letramento, quanto as da fala e da escrita devem ser abordadas em um contínuo sócio-histórico de variações. Entende, assim, fala e escrita como duas modalidades da mesma língua, levando em consideração suas interrelações como algo natural e cotidiano. Nesse sentido, “Oralidade e escrita são práticas de usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.” (MARCUSHI, 2010, p.17).

Segundo Marcuschi (2010), portanto, não podemos confundir os papéis da fala e da escrita e seus contextos de uso. O que devemos ter claro é que **não** há uma dicotomia entre fala e escrita, pois ambas estão no mesmo patamar e **não** há uma hierarquia entre esses dois conceitos. O que é possível afirmar é que há apenas características específicas, não sendo, portanto, antagônicas, mas sim complementares, ambas num mesmo nível de importância para a linguística e para o ensino.

No tocante ao trabalho com a transposição didática da oralidade, em que o oral deve ser tomado como objeto de ensino por meio dos gêneros textuais, usamos os autores Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly (2004), que influenciaram a pesquisa aplicada ao ensino de língua materna e estrangeira das últimas décadas no Brasil. Tais autores se alinham às bases teóricas do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), que estão “diluídas” no documento Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, 1998), principal fonte para teorizarmos sobre as atividades de escuta nas práticas escolares de linguagem. Nesse sentido, podemos sintetizar tais discussões nos seguintes itens:

- o ensino da oralidade é possível, contudo, pouco realizado nas escolas;
- devem ser tomados como objeto de ensino “o texto empírico oral”, ou seja, os gêneros orais, por meio da modelização e das sequências didáticas;
- devem ser escolhidos os gêneros orais formais públicos, partindo das “formas cotidianas de produção” que o aluno já traz para a escola;
- nas atividades de modelização dos gêneros é importante serem abordados e observados o contexto de produção, a finalidade das situações de comunicação, a organização textual, o vocabulário, a dicção, os gestos, a voz, a entonação, a postura, a utilização de imagens ou suportes, como as notas de apoio;

Outras autoras na qual nos baseamos é Leal e Gois (2012) trazem uma recente contribuição sobre o ensino de oralidade no Brasil, enfocando os principais eixos do trabalho com a língua falada na escola, o tratamento dado ao componente oral no livro didático de LP e o trabalho do professor de ensino básico.

Para as questões de análise linguística (AL), utilizamos Mendonça (2006) e Suassuna (2012), que tratam do delicado tema da oposição entre ensino de gramática e análise linguística. A autora afirma, que a AL possibilita a reflexão consciente sobre os fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua. (MENDONÇA, *idem*).

Em relação ao tratamento específico da análise linguística do texto oral, optamos por rever o trabalho de Cavalcanti e Melo (2006), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2010), Baltar (2012) e Gomes-Santos (2012) que apresentam alguns critérios pertinentes para a análise linguística do texto oral por meio da escuta em atividades aplicadas no Ensino Fundamental.

UMA PROPOSTA DE “GUIA DE ESCUTA”: APLICAÇÃO PEDAGÓGICA EM UMA TURMA DOS ANOS INICIAIS

a) Sistematização da atividade de escuta: características e funções

1) Eixo de trabalho no ensino de LP: oralidade

2) Nomes dados às atividade: guia de escuta, escuta ativa, escuta orientada

3) Caracterização da atividade: Gêneros, eventos e materiais sugeridos em documentos oficiais ou autores citados:

- literários: cordel, causos e similares, poemas, leitura ou encenação de texto dramático, canção, saraus literários
- de imprensa: comentários radiofônicos, entrevistas, debate, depoimentos.
- de divulgação científica, escolares e acadêmicos: apresentações públicas, exposição oral, seminário, debate, palestra;
- publicidade: propaganda;

Materiais: gravações em áudio dos alunos, gravações radiofônicas ou *pod cast* (internet); Gravações em vídeo de programas de TV, rádio, internet ou dos alunos ; Apresentações escolares ao vivo (em sala ou eventos da escola).

4) Objetivos da atividade:

1) Compreender o texto oral: levar os educandos a atribuir significado à comunicação, por meio da compreensão do texto lido ou falado. São atividades que permitem a identificação do

tema tratado, do gênero e dos aspectos que o envolvem (interlocutores, contexto de produção, objetivo comunicativo), o levantamento de hipóteses e a produção de inferências sobre os objetivos de tais textos, a intenção do produtor, a identificação de marcas discursivas para o reconhecimento de intenções, valores, preconceitos veiculados no discurso.

2) Analisar o texto oral, observando questões linguísticas, prosódicas, gestuais, extratextuais: com relação aos elementos de análise do texto oral destacamos os efeitos de sentido produzidos por elementos linguísticos, extralinguísticos, paralinguísticos e cinésicos.

3) Aprender a escutar e se comportar nas interações orais: a partir da escuta, podemos abordar aspectos do comportamento humano nas interações orais, como entender a estrutura de participação dos eventos comunicativos orais, falar um aluno de cada vez, esperar sua vez de falar, saber quando falar, ouvir o outro, orientar-se a partir de comandos orais, aspectos esses de suma importância para o bom desenvolvimento das relações discursivas desenvolvidas em variados contextos sociais.

4) Obter modelos de textos orais: é importante propor situações modelares, referências modeladoras de produção, para que, assim, os educandos possam analisar eventos comunicativos e desenvolver capacidades para neles atuar, bem como reconhecer gêneros orais para melhor compreendê-los.

5) Tomar notas: vale destacar que o emprego de estratégias de registro e documentação escrita nas atividades orais é de suma importância. É um processo que deve ser desenvolvido desde anos iniciais, pois é usado ao longo da escolarização até os cursos de pós-graduação e, mesmo na vida profissional. Esse recurso permite que o aluno selecione elementos registro.

6) Retextualizar e analisar a relação oral escrito a partir da transcrição: segundo Marcuschi (2010), retextualizar é um processo complexo que envolve diferentes operações, interferindo tanto no código, quanto nos sentidos evidenciando assim aspectos nem sempre bem-compreendidos das relações oralidade-escrita. Segundo o autor, muitos afirmam ser uma passagem do caos para ordem, entretanto, significa a passagem de uma ordem para outra ordem, ou seja, de uma modalidade para outra. Em síntese, o autor (2010, p.47) afirma que “a retextualização não é, no plano da cognição, uma atividade de transformar um suposto pensamento concreto em um suposto pensamento abstrato”, mas, no nosso caso, a transformação do oral para o escrito.

b) Proposta de “guia de escuta”

A partir do vídeo “O que é Dengue”, apresentaremos uma proposta de “guia de escuta”. Esclarecemos que, embora o tema pareça difícil compreensão pelos alunos, os discentes já estão inseridos nessa temática desde os anos iniciais, inclusive em 2014.

Guia de escuta:

Vídeo: “O é a Dengue”

Duração: 3min16s

Disponível em : <<http://www.youtube.com/watch?v=I0p86ITdOM0&hd=1>>

Possíveis perguntas:

- 1) Qual a temática do vídeo?
- 2) Quantos expositores, ou seja, falantes aparecem no vídeo?
- 3) Quem são eles?
- 4) Quanto à desenvoltura do repórter você considera:
() excelente () bom () pode melhorar
Justificar:
- 5) Quanto à desenvoltura do médico, você considera:
() excelente () bom () pode melhorar
Justificar:
- 6) O vídeo é destinado a quem:
- 7) O repórter está à vontade ao falar:
() sim () não () parcialmente
Justificar:
- 8) O médico está à vontade ao falar:
() sim () não () parcialmente
Justificar:
- 9) Você acha que o falante repórter preparou sua fala? Por quê?
- 10) E o médico? Por quê?
- 11) Há algum elemento no vídeo que auxilia na compreensão?
- 12) O tom da voz do repórter estava:
() adequado () muito alto () muito baixo
- 13) O tom da voz do médico estava:
() adequado () muito alto () muito baixo
- 14) A postura do repórter estava:
() excelente () boa () regular
- 15) A postura do médico estava:
- 16) () excelente () boa () regular
- 17) O repórter utilizou algum gesto?
- 18) O médico utilizou algum gesto?
- 19) Quais dos dois pareciam mais à vontade ao falar?
- 20) Qual dos dois falantes utilizou mais hesitações?
- 21) Você observou algum marcador conversacional? O que eles significam? (Exemplo: é, tá, né aham)
- 22) O que mais lhe chamou atenção na fala do médico?
- 23) O que você acha que poderia melhorar na fala do médico?

METODOLOGIA

No intuito então de buscar desenvolvermos um trabalho que possa contribuir para a sistematização do ensino da oralidade, elaboremos uma questões de estudo com seus desdobramentos: *o que é a escuta? De que forma as práticas de oralidade, sobretudo, as atividades de escuta, podem contribuir com a formação linguística do educando do primeiro segmento do Ensino Fundamental? Em que as atividades de escuta contribuem para a formação desses alunos? Como podem ser realizadas? O que os alunos aprendem com elas?*

Sendo assim, pretendemos desenvolver uma pesquisa-ação, em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede estadual do município de Juiz de Fora. A turma é composta por 23 alunos oriundos de uma comunidade de classe socioeconômica baixa. Essa escolha se deu pelo fato de a pesquisadora ser professora regente durante o ano letivo de 2014.

Com relação à escolha da pesquisa-ação, justificamos pelo fato de o ensino de atividades de escuta ser uma área do conhecimento referente ao ensino de Língua Portuguesa ainda pouco explorada, sobretudo, nos anos iniciais. Nesse sentido, ao desenvolvermos uma intervenção pedagógica, baseada em observações e análises da realidade escolhida, tanto o pesquisador quanto os sujeitos, por meio de um processo de trocas e interação, estarão de forma cooperativa apreendendo. Além disso, esse processo buscará trazer mudanças positivas para a coletividade através de reflexões a serem desenvolvidas.

Para desenvolvermos então tal estudo, serão planejados exercícios, ao longo de 4 meses de intervenção por meio de oficinas que facilitem a compreensão pelos alunos de quais aspectos devem ser analisados em uma apresentação oral, ou seja, em que ele deve se pautar para realizar a análise linguística de tal gênero oral.

Ao longo do processo, pretendemos usar, além da ficha, gravação em áudio e diários de campo para enriquecer a coleta de dados, considerando o *feedback* que os alunos darão ao longo do desenvolvimento dos exercícios nas oficinas.

Por fim, analisaremos os dados dentro da perspectiva proposta na pesquisa-ação, envolvendo a análise e reflexão, buscando observar uma mudança positiva na realidade desses educandos. Nosso objetivo maior é promover uma conscientização da importância da escuta atenta de qualquer situação discursiva, mudança essa que se for feita, de fato, poderá acompanhar o desenvolvimento do educando por todo seu processo de formação, tanto pessoal quanto educacional/profissional.

Destacamos ainda que os dados obtidos no decorrer dessa aplicação serão analisados dentro de uma perspectiva qualitativa, pautados no paradigma interpretativista. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), nessa perspectiva, observamos o mundo com base nas práticas sociais e significados vigentes, sendo o observador um agente ativo no processo de pesquisa, atribuindo

seus próprios significados às ações. Portanto, não há uma neutralidade no desenvolvimento da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A partir do que apresentamos até o momento, podemos constatar algumas considerações provisórias.

Em primeiro lugar, destacamos a existência de poucos estudos na área do ensino de Língua Portuguesa que abordem a oralidade. Percebemos, contudo, que esse tema tem sido mais abordado, adensando-se nos anos 1990 em diante.

A partir desse cenário, ao enfocarmos nossa investigação no que se tem produzido com relação especificamente às atividades de escuta, o que observamos é que a situação ainda é mais crítica. Assim como vimos no capítulo 2, são pouquíssimas as referências existentes que contribuam para essa área do ensino. As propostas teórico-metodológicas existentes se consolidam, sobretudo, nos documentos oficiais, quais sejam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Também consideramos importante as propostas feitas pelo grupo de Genebra.

Observamos, nesse percurso teórico, bem como no trabalho nas escolas, numa observação empírica e sem pretensões de pesquisa, que os professores parecem entender que o ensino da oralidade é necessário. Contudo, como fazer isso continua constituindo-se como ponto nevrálgico. Vemos que a transposição didática permanece como tema de relevância para nossas licenciaturas.

Nesse sentido, a necessidade de propormos um estudo que contribua tanto com uma reflexão teórica com relação à escuta, quanto com uma possível intervenção pedagógica se reforça, estudo esse que envolva um sequência de atividades que levem os educandos a uma reflexão sobre os usos orais da língua.

Acreditamos que a intervenção poderá nos mostrar caminhos mais palpáveis no ensino de oralidade, de forma que repercuta nas práticas de sala de aula mais decisivamente. É preciso, nesse sentido, que a parceria universidade-escola, esteja cada vez mais consolidada para que não haja apenas teoria, mas mudanças mais profícuas de concepção de ensino de Língua Portuguesa pelos professores considerados mais normativistas, em prol de uma educação linguística que promova mais o cidadão em termos de uso da língua e atitudes diante da oralidade e da escrita.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Ewerton; NASCIMENTO, Gláucia; GOIS Siane. Ensino de Oralidade: revisitando documentos oficiais e conversando com professores. *In*: LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane. **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF: Editora Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v. 3.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999.

_____. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. Disponível em www.revel.inf.br.

DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. PIETRO, J.F; ZAHND, G. A exposição oral. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

FÁVERO, L.L. *et al.* **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2 ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KOCH, Ingedore Vilaça. **A inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane. **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A língua falada e o ensino de português**. *In*: 6º CONGRESSO DE LÍNGUA PORTUGUESA, PUC-SP, São Paulo, 1996 (mimeo).

_____. Oralidade e escrita. **Revista Signótica**. v. 9, n. 1, 1997. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7396>>. Acessado em 02/10/2013

_____. **O papel da linguística no ensino de língua**. 2000. Disponível em <http://relin.letras.ufmg.br/shlee/Marcuschi_2000.pdf> Acessado em 02/10/2013

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. *In*: MENDONÇA, Márcia (org) et al. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

_____; PIETRO, Jean- François. Relato de elaboração de uma sequência: o debate público. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 25. Rio de Janeiro, Jan./Abr. 2004.

_____. **Alfabetização e letramento**. 5. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.